

Registros para um Dicionário de Expressões

Jean Lauand¹

Resumo: O artigo apresenta – como parte de um futuro Dicionário – verbetes, notas e comentários a algumas gírias e expressões idiomáticas brasileiras, buscando esclarecer seu uso, datação e sentido.

Palavras Chave: gíria brasileira. expressões idiomáticas brasileiras. uso, datação e sentido.

Abstract: This article presents (as part of a coming book) some entries of a Dictionary (with notes and comments) of Brazilian slang and idioms on their datation, meaning and usage.

Keywords: Brazilian slang. Brazilian idioms. datation. meaning.

Expressões brasileiras e seu surgimento na imprensa

Neste artigo (como em diversos anteriores), apresento mais uma amostra do que será um livro, um Dicionário, para o qual agradeço antecipadamente as sugestões e críticas dos leitores.

Para a elaboração destes verbetes comentados, contamos com a preciosa ferramenta para estudos de fraseologia: o imenso banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (abreviaremos por BN), que permite a consulta *on-line* de milhares de periódicos, desde o surgimento da Imprensa brasileira, com a vinda da Família Real.

Certamente, estou ciente do fato de que a datação de surgimento de uma expressão por meio de jornais e revistas envolve um grau de imprecisão, sobretudo em se tratando de gírias (que nem sempre têm lugar na imprensa “séria” – embora contemos também com revistas satíricas, jornais de esportes e, enfim, de periódicos mais “descontraídos”).

Assim, assim

Se o “assim” pode significar grande quantidade, como em “eu desisti: a fila estava assim de gente”; o “assim” duplicado, assim-assim, significa mediano, mais ou menos, nem bem nem mal. Antiquíssima, aparece na BN já em 1818: “*assim assim* pouco mais diz que um encolhimento de hombros” (“O Portuguez”, vol. VIII, 1818).

A repetição em “assim-assim”, com equivalente em diversas línguas (*so and so; così così, comme ci, comme ça*) indica indeterminação: não posso dizer que estou bem, mas também não estou mal: estou assim-assim.

Assim ou assado

Expressão muito antiga na BN, desde sempre utilizada quando não é o caso de concretizar determinada maneira. Assim, de acordo com os “Annaes do Parlamento Brasileiro”, já a utilizara o deputado Lino Coutinho em discurso de 12-07-1828:

¹. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br

Não digo que o acabamento do banco seja desta ou daquela sorte, nem que sua reforma seja assim ou assado.

Bagulho

A pesquisa na BN para “bagulho” encontra uma notável dificuldade: a confusão no buscador que, muitas vezes, confunde “bagulho” com “barulho”, além de também ser sobrenome de muitas pessoas...

Em todo caso, a primeira aparição de “bagulho” dá-se em 1820 no “Astro da Lusitania”, no sentido original, que faz referência à uva e suas sementes ou bagos.

“Bagulho” para pessoa muito feia ou envelhecida é uma novidade na gíria, que é exposta na então famosa revista “O Cruzeiro”, edição de 04-12-1948, por Aracy de Almeida, “catedrática” em gíria: ela ensina que um Fulano careca e beirando os 60 anos é um “verdadeiro ‘bagulho’”. Na mesma revista, “bagulho” aparece por primeira vez no sentido de objeto usado, traste, em 10-12-1955. A personagem da caricatura diz ao chefe:

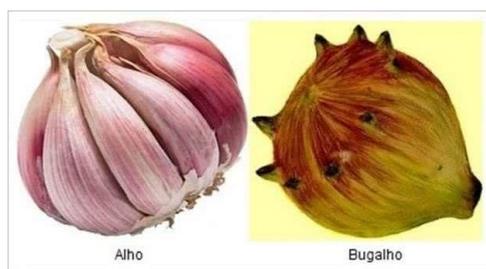
Doutor Caetano, tá aí desde cedo um moço que disse que jogou fora os bagulho de engraxar e quer falar com o senhor sobre uma passagem pro Carnêgui Roli.

“Bagulho”, no jargão dos delinquentes, como objeto roubado ou furtado aparece já em 09-11-1948 em “A Noite Ilustrada”. Em seu gabinete, o chefe de polícia “defende o bagulho (material apreendido na diligência) da curiosidade indisciplinada do pessoal da imprensa”.

Em 06-03-1977, o “Jornal do Brasil”, apresentando aos mais velhos as gírias dos jovens, ensina-lhes o mais novo sentido de “bagulho”: maconha.

Bugalho

Poucos usuários da expressão “confundir alhos com bugalhos” ou da “olhos esbugalhados” sabem o que vem a ser o bugalho, que é “galha arredondada ou coroadada de tubérculos que se forma nos carvalhos” (Aurélio).



<https://www.dicionariopopular.com/trocar-alhos-por-bugalhos/>

“Confundir (misturar, envolver etc.) alhos com bugalhos” aparece com frequência já desde o início da imprensa brasileira (primeira aparição em “Reverbero” RJ, 1822) e também a metáfora “olhos esbugalhados”, esta – além de aplicada a rostos de pasmo ou ânsia – esta frequentemente, na época, aplicada à descrição de escravos fugidos (como já em sua primeira aparição na BN em 04-08-1821, no “Diário do Rio de Janeiro”).

Chateação, chato & Cia.

“Chateação” surge isoladamente na BN em 18-10-1911 – na década só reapareceria, avulsamente também, em 1916 – no hebdomadário “Dom Casmurro”, em crônica de Nael Fogueira:

Nisso a mulher de vasta adiposidade veio me acariciar. Que chateação! Chamou-me para dansar com ela.

Começamos com o inequívoco “chateação”, porque “chato” e “chatice”, naturalmente anteriores, confundem, na época, o sentido de aborrecido com o de plano, sem relevo, sem graça, como por exemplo em:

O [jornal] *Commercio* anda muito chato no conceito publico. Chato nas suas opiniões politicas, chato no noticiario, chato de escriptores, chato, chatissimo em tudo que lhe diz respeito. E uma miseria tudo que por ali se escreve. (“Estado do Espírito Santo”, 06-05-1897).

[estamos sujeitos ao despotismo da morte] nós outros que, na chatice da vida, temos por norma fazer só o que vemos os outros fazerem. (“A Pacotilha” MA, 18-09-1896).

No começo do século XX, para os aborrecimentos eram muito mais usados vocábulos de uma vasta sinonímia: “maçada”, “amolação”, “caceteação”, “amofinação”. “apoquentação” etc., que acabariam por ser desbancados por “chateação” (/e os correspondentes de chato, chatear, chatice...), recentemente coroados com o encantador neologismo, usado por Adélia Prado: “chaturinhas” (as chaturinhas da vida).

Cor (corro?) de burro quando foge

Muitos iluminados fraseologistas – amadores, descuidados ou simplesmente picaretas – já dão por certo que a antiga expressão “cor de burro quando foge”, para se referir a cor indefinida (ou a discussões bizantinas), não tem cabimento e que ela seria simplesmente uma corruptela de uma outra, esta sim, plena de sentido: “corro de burro quando foge”.

Assim, lemos em um blog do Estadão [21-10-2009]:

Por que, afinal, dizemos que um objeto exhibe a estranhíssima “cor de burro quando foge”? Alguém já viu um burro mudar de cor assim que sai em disparada? Cunha Mello explica que a expressão é uma corruptela e deriva, na verdade, de uma afirmação nada absurda: “corro de burro quando foge”.

<https://cultura.estadao.com.br/blogs/ricardo-lombardi/corro-de-burro-quando-foge/> (acesso em 27-5-2022)

Já a coluna “Oráculo”, da revista “Super Interessante”, responde a uma consulente:

Parece que o burro fugiu por um desses dois motivos a seguir: a primeira hipótese é de que a expressão viria de “corro de burro quando foge”, que teria, com o tempo, sido modificada no boca a boca. A segunda considera a palavra *burrus*, que em latim significa avermelhado. A expressão original significaria algo como “correr para evitar alguém vermelho” – com raiva ou bêbado, por exemplo.

<https://super.abril.com.br/coluna/oraculo/de-onde-veio-a-expressao-cor-de-burro-quando-foge/> (acesso em 27-5-2022)

E Mário Sérgio Cortella pontificou no “Domingão do Faustão” de 22-08-2010:

A frase certa mesmo, na origem [?] é “corro de burro quando foge”. Corro, ou seja, burro que foge é perigoso, aí eu corro de burro quando foge. Não pode ser “cor de burro quando foge”? É uma frase meio solta e a gente vai incorporando no dia a dia e a gente acaba dizendo isso, mas a frase certa é: “corro de burro quando foge”.

<https://www.youtube.com/watch?v=ITf5O7VHjnw> (acesso em 27-5-2022)

Contra essas “certezas” e em defesa da expressão original, quero considerar primeiramente, que a expressão (sempre com “cor”) tem já seus 200 anos – a primeira ocorrência na BN dá-se em 1823 (“Correio do Rio de Janeiro”, 29-9-1823) e a tal da expressão com “corro” só surge na BN em 1963!

Para dar aparência de credibilidade à sua versão, os fraseologistas inovadores repetem – sem o mínimo de decoro científico – que “corro de burro...” teria sido registrada “no começo do século XX pelo gramático Antônio de Castro Lopes” mas nenhuma das 115 páginas de internet que afirmam isso (em busca feita no Google em 20-06-2022) nos informa o texto exato, nem sequer o nome do livro em que teria aparecido tal afirmação!

Em segundo lugar, penso que a confusão na mente desses “iluminados” (como vimos nas citações acima) é pensar que se deve considerar o “quando” (em “quando foge”) como indicador de tempo: o burro que, em sua fuga, sai correndo em disparada. Mas o “quando” tem outras funções, como a de estabelecer uma condição, por exemplo: “A solidão é pior, quando é a dois” (se for vivenciada a dois). Assim, parece-me que o “burro quando foge” indica simplesmente a condição de “burro fugido” (cor de burro, se fugido). Aliás, na BN, no século XIX, encontramos a formulação variante: “cor de burro fugido” – por exemplo em: “Revista Commercial” (Santos, 22-09-1864) ou “Revista da Sociedade Phenix Litteraria” (RJ, julho 1878).

Como fica então o sentido da expressão “cor de burro quando foge”, entendida como “burro fugido”?

Para minha tese de livre-docência, defendida na FEUSP em 1995 (e publicada em livro: **Provérbios e Educação Moral**. São Paulo: Hottopos, 1997), pesquisei milhares de provérbios da milenar tradição árabe. Um dos mais agudos, vem ao encontro de nosso tema: “Se te perguntarem: ‘Viste um asno cinza?’, responde: ‘Nem cinza, nem preto, nem branco. Não vi asno nenhum!’”

Esse provérbio recomenda prudência: para o garoto que, na escola, vai de sala em sala, perguntando se alguém viu a bolinha que ele perdeu no recreio, qualquer pelota com que ele se depare corre o risco de ser reconhecida por ele como a sua...

Se roubam seu carro, você informa à polícia a placa, o modelo e a cor; se você está aflito buscando seu burro desaparecido, a única informação é sobre a cor do

animal... Mas, qual é **exatamente** a cor do burro fugido? Se eu responder que não vi um burro cinza, mas sim um pardo ou meio marrom, você pode reivindicar esse burro – qualquer que ele seja – como sendo o seu: afinal não há como definir a cor (menos ainda numa época na qual nem fotografia havia) entre os cinquenta tons de cinza e cores adjacentes! Era impossível definir a cor do burro fugido... Daí o provérbio árabe aconselhar uma negativa categórica e sem margem alguma para discussão.

A infeliz “correção” de nossa expressão para “corro de burro...” é mencionada pela primeira vez na BN, no “Jornal do Brasil” (06-05-1963), quando seu autor, um tal Dr. Luís Moreira (?), pede ao JB a divulgação de sua descoberta.

E o “Jornal do Commercio” (20-08-2006) publica – pela primeira vez na BN – a tristemente famosa lista dos originais “de provérbios vítimas de deturpação”, elaborada “pela pesquisadora” Regina Ivete Lopes. São eles: “Batatinha quando nasce espalha rama pelo chão”, “Corro de burro quando foge”, “Quem tem boca vaia Roma”, “esculpido em Carrara” e “Quem não tem cão caça como gato”.

Para os interessados na crítica dessas e de outras falsas formulações de expressões, indico meu artigo: “Minidicionário de Gírias e Expressões Brasileiras...”, em: <http://www.hottopos.com/isle36/jeandic.pdf>

A ignorância é atrevida e dura de matar... O que mais causa espanto é que até acadêmicos continuam ajudando a propalar essas *fake news*!

Mea culpa ou meia culpa?

Uma das mais significativas novidades trazidas pelo Concílio Vaticano II (1961-1965) foi (entre outras mudanças na liturgia), a celebração da missa em língua vernácula, que desbancou o tradicional latim de tantos séculos. Com isso desapareceu a expressão “*mea culpa*” (“minha culpa”) que se repetia na oração *Confiteor*, ato preparatório para os sagrados mistérios, no qual o fiel publicamente reconhecia seus pecados e proclamava: “*mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa*”, enquanto contrito fazia o gesto (bíblico) de bater no peito com a mão fechada. Trata-se de assumir plenamente a responsabilidade pelos próprios pecados e o significado do gesto é assim explicado por Santo Agostinho:

Daí surgem aquelas práticas próprias do penitente que verdadeiramente se arrepende, verdadeiramente se dói, sente ira contra si mesmo. Certamente, é indício dessa ira o bater no peito: o que a mão faz externamente, a consciência o faz internamente: golpeia-se nos pensamentos, ou melhor, produz a morte em si mesmo (AGOSTINHO s/d)

Nada mais oposto ao “*Mea culpa*”, reconhecimento cabal da própria culpa do que a nova formulação, decorrente da ignorância do latim, “meia culpa” (quem seria o culpado da outra metade?), que encontramos até em sites como o do Correio Brasiliense e o da Assembleia Legislativa do Ceará:

Lula afirmou que críticas a Dilma Rouseff são permitidas entre petistas, mas não entre adversários da sigla. O ex-presidente aproveitou a ocasião para fazer um meia culpa sobre os erros e lembrar que o legado é o mais importante.

<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/02/4984427-em-evento-de-aniversario-do-pt-lula-defende-dilma-e-reconhecendo-erros.html>. Acesso em 27-05-2022

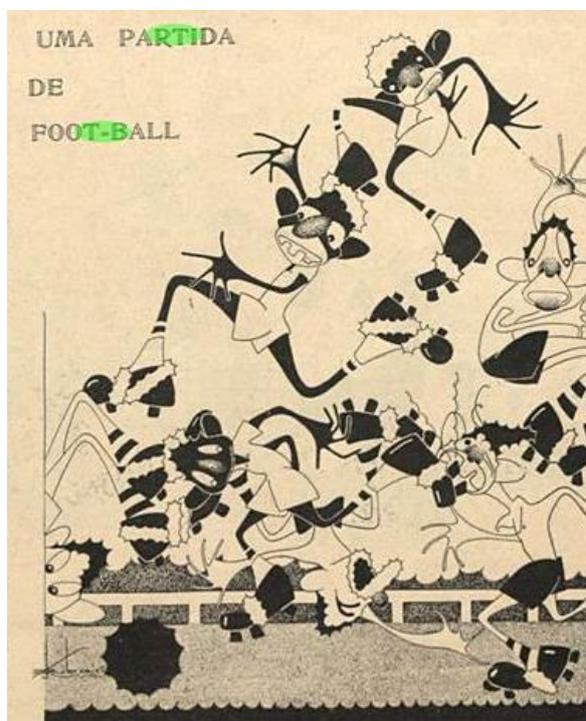
Diversos deputados estaduais ocuparam a tribuna da Assembleia, ontem, para se posicionar sobre as manifestações ocorridas no final de semana em todo o Brasil. “O PT precisa fazer um meia culpa e assumir seus erros”, defendeu o deputado Welington Landim (Pros). <https://al.ce.gov.br/index.php/todas-noticias/item/38606-deputados-divergem-sobre-manifesta%C3%A7%C3%B5es>. Acesso em 27-05-2022

Partida de futebol (e os problemas de xadrez)

Quando se importa um jogo originalmente estrangeiro – como o futebol, pôquer ou golfe –, é natural que se importe também, ao menos na fase inicial de aclimatação em novas terras, sua terminologia própria. Na Espanha, o nosso bispo do xadrez é *alfil*, nome árabe da peça *al-fil*, o elefante; o nosso lance roque, evoca o nome original árabe para a peça torre (*rukhh*) e o xeque-mate remonta ainda mais ancestralmente ao persa: *shāh māt* (o rei está morto)!

A terminologia futebolística não foi exceção, durante muitas décadas (com resquícios ainda hoje, como o próprio nome *football*; além de *goal*, *shoot*, *dribble*, *crack* ou *penalty*). Em sua edição de 3 de junho de 1914, a famosa revista infantil “O Tico-Tico” apresentava as “Regras do foot-ball” e enumerava as posições dos jogadores de um “*team*”: “Goal-keeper, back-direito, back-esquerdo, half-back direito, half-back esquerdo, center-half-back, center-forward [...]”.

Embora a maior parte da linguagem do futebol fosse importada do inglês (o árbitro era *referee*, escanteio era *corner* etc.) o próprio prélio, desde as origens do jogo entre nós, era chamado de partida (claro, empregava-se também *match*).



Caricatura de “O Malho” RJ, 21-04-1932

Assim, “partida de futebol [football]” tem sua primeira aparição na imprensa brasileira em 1892, um começo nada lisonjeiro: “Esta anciosamente esperada eleição da edilidade ameaça degenerar uma partida de foot-ball”. (“O Tempo” RJ, 19-10-1892). A fama de violência persiste por décadas (e até hoje).

O mais interessante é que a palavra “partida”, aplicada ao futebol (e a outros jogos), provavelmente tem sua origem no primeiro jogo a adotá-la: o xadrez. Já no século XIII, “partida” foi empregada para os problemas enxadrísticos, como veremos.

O problema, que é justamente considerado a poesia do xadrez, teve extraordinária importância no mundo medieval, desde a publicação do primeiro tratado de xadrez no Ocidente: o *Libro del Acedrex* de D. Alfonso X, o Sábio (1221-1284). Aos problemas, dedica D. Alfonso a parte mais extensa de seu livro. (cf. LAUAND, 1988)

Se hoje não se entende por que falamos em “partida” de futebol” ou vôlei (o que é que se parte?), bem diferentes são as coisas quando do surgimento do xadrez: aí o sentido da partição é claro. D. Alfonso chama os problemas de “*juegos de partido*” e isto por boas razões. Com as regras da época, as peças que hoje chamamos de Dama e Bispo tinham seus movimentos muito limitados e o duração do jogo tendia a ser imensamente demorada. Daí o extraordinário interesse pelos problemas (em árabe: *nasaba*, construído, montado), que foram chamados no Ocidente *jocus partitus*; em D. Alfonso, *juegos de partido*, uma “partição”, que remete diretamente a uma situação artificial (típica do final de um suposto jogo, de desfecho rápido) na qual, por exemplo, “as brancas jogam e dão mate em três lances” ou “as brancas jogam e ganham”. Além do mais, há a dimensão estética: a engenhosidade, por vezes genial, do problema e também sua dimensão formativa: desenvolver a habilidade do enxadrista: é no problema que se aprendem manobras e sequências fundamentais para uso no “jogo completo”.



Miniatura do *Libro del acedrex* de D. Alfonso, que considerava o xadrez atividade muito apta para as mulheres. https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/73/Moorish_women_playing_chess%2C_European_woman_playing_lute.jpg

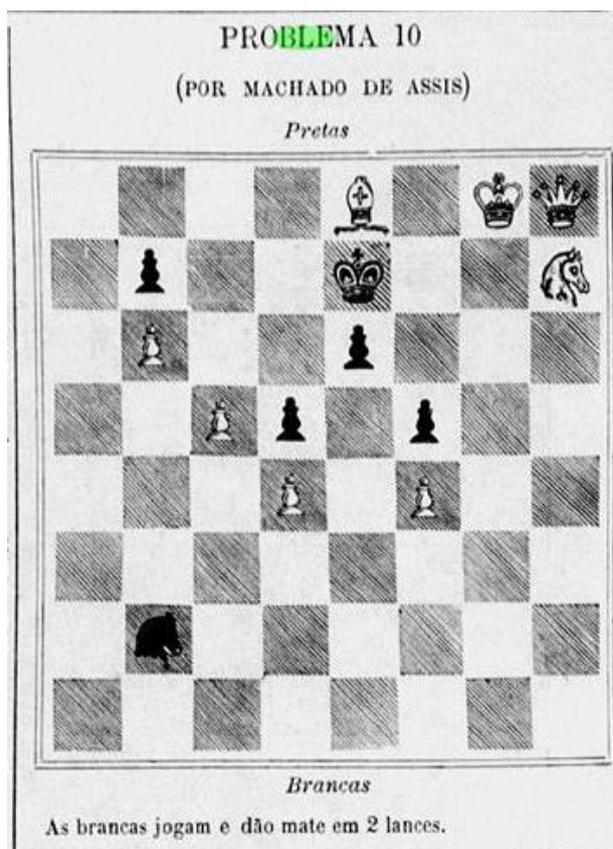
Essa “partida” (em espanhol, ainda hoje no masculino: *partido de fútbol*, *partido de ajedrez* etc.), que designava o problema de xadrez, acabou por, confundentemente, designar também o “match” completo.

Um dado interessante é que, do jargão enxadrístico, *jocus partitus*, (em francês: *jeu parti*), sempre estabelecendo uma condição vulnerável (problema que propõe xeque-mate em 2 ou 3 lances) derivou-se também (pelo francês antigo) para o

inglês, a palavra *jeopardy* que, por extensão, passou a significar uma situação qualquer de perigo (um processo semântico semelhante ao nosso “estar numa sinuca”).

Machado de Assis enxadrista e os problemas de xadrez.

È fato conhecido que Machado de Assis foi um grande e apaixonado cultor do xadrez. Mas poucos sabem que Machado foi pioneiro na arte enxadrística: ele é o primeiro autor brasileiro de problema de xadrez: publicado na BN é o “Problema 10” da “Ilustração Brasileira” (RJ, 15-6-77), revista bimensal que mantinha uma importante coluna enxadrística (os nove problemas anteriores – incluídos os de Arthur Napoleão, que era português – eram de autores estrangeiros).



Solução no No. seguinte : B5C – R1D; R7B xeque-mate

Ele também contava-se entre os mais assíduos solucionadores dos problemas, propostos na coluna enxadrística da “Ilustração”.

Machado, pioneiro, participou do primeiro torneio de xadrez realizado no Brasil (e chegou, em certa altura, a liderá-lo, como informa a “Revista Musical” (RJ, 17-01-1880)

Indicamos a anotação de uma partida completa de Machado nesse torneio – <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=146633&pasta=ano%20188&pesq=%22Machado%20de%20Assis%22%20xadrez&pagfis=501> – uma brilhante vitória, segundo o comentarista da “Revista Musical” (08-05-1880):

Esta partida faz muita honra ao Sr. Machado de Assis, que a jogou muito bem, e contra um parceiro como o Sr. Pradez. Talvez, no seu todo, seja esta uma das partidas mais bem jogadas do torneio.

Entre tantas outros comentários que faz ao nobre jogo, destaca-se o parágrafo da crônica “A Semana”. Nela, Machado, com sua proverbial ironia, discorre sobre a manobra de fachada de uma empresa que – para driblar a fiscalização da polícia – em vez do bicho premiado que subia em bandeira numa haste às seis da tarde, o que aparecia na bandeira, como camuflagem, era o nome de um dos 25 jogos que, a partir daquele momento, seriam gratuitos no Jardim Zoológico. O escritor fica indignado com o fato de que – ao lado do bilhar, pau de sebo e outros jogos vulgares – o xadrez estava na lista, no 25º. posto:

Meu bom xadrez, meu querido xadrez, que és o jogo dos silenciosos, como te podes dar n’aquelle tumulto de frequentadores? Quero crer que ninguem te joga, nem será possível fazel-o. Basta saber que ha uma hora certa, as seis da tarde, em que sai de dentro de um tubo de ferro uma bandeira com o nome de um jogo. Como podes tu correr a ver o nome da bandeira, se tens de defender o teu rei, - branco ou preto, - ou atacar o contrario, preto ou branco? Outra cousa que deve impedir que te joguem, é a vozeria que, segundo o relatorio da policia, se levanta logo que a bandeira é hasteada. A autoridade explica a vozeria pelo facto de uns perderem e outros ganharem; mas a explicação da empreza é mais logica. Diz ela que o nome do jogo hasteado não quer dizer senão que tal jogo será gratuito d’essa hora em diante para todos os frequentadores do jardim; para os outros será preciso comprar bilhete. Creio; mas o que não creio, é que dous verdadeiros jogadores do xadrez, applicados ao ataque e a defesa, possam consentir em deixar tão nobre acção para ir ao pau de sebo ou qualquer outra recreação gratuita. (“Gazeta de Noticias” RJ, 12-01-1896).

Sabe com quem está falando?

Não é de hoje que essa pergunta simboliza e resume em si a, tristemente arraigada, arbitrariedade brasileira: a aversão de nossas “elites” à cidadania mais básica. É esgrimida para (ao menos tentar) atropelar a proclamada igualdade de direitos por brasões de família, patentes, cargos e diversos poderes. É usada para ameaçar e intimidar a quem quer que se atreva a exigir do “ungido” o mero cumprimento da lei e das normas básicas de convivência republicana.

Nesse sentido, há mais de cem anos, encontramos denúncias dessa nefasta prática. Entre elas uma especialmente importante é a do satírico hebdomadário “D. Quixote” (RJ, 5-11-1918). Em jocoso artigo intitulado “Para ser brasileiro”, a revista entra no debate da época parlamentar sobre quais devem ser os requisitos para que um estrangeiro residente no Brasil possa ser considerado cidadão brasileiro. A revista complementa a proposta apresentada pelo senador Adolpho Gordo, com algumas divertidas “emendas”, o candidato deve comprovar: que deixa para amanhã o que pode fazer hoje; não aparece a compromissos agendados e, quando o faz, é com atraso de ao menos 40 minutos; fala mal do Brasil e o considera um país perdido; etc. E especialmente precisa comprovar:

Que já disse pelo menos cem vezes e em circunstâncias diversas a frase:
Você não sabe com quem está falando!

Não faltam, na época, relatos sobre esse abuso, autêntica preferência nacional. Um caso é o do cronista João Matheus, que relata perplexo em “O Paiz” (RJ, 8-11-1898) como foi destrutado numa farmácia, simplesmente por atrever-se a perguntar por sua cadelinha desaparecida a um mancebo que estava no fundo do estabelecimento:

Com certeza não é a mim que o senhor se dirige. Certamente não é a mim, porque, *estando eu aqui ocupado n'um trabalho científico* (textual) não posso cuidar dos cachorros que passam pela rua. [a discussão prossegue quando um homem alto de barbas chega e entra na conversa, tomando partido contra o pobre cronista, que alega que só estava educadamente pedindo uma informação. Ao que o velho responde furioso:]
Não sabe com quem está falando! Não sabe com quem está falando! O senhor está falando com o dono desta pharmacia (pausa), com o pai daquele moço (e apontou para o científico) e com o escrivão da delegacia. [Etc.]

Outro exemplo, este ficcional: o funcionário da empresa do gás vai a uma casa cobrar a conta e a senhora diz:

- Que desencontro! Agora mesmo meu marido saiu para ir pagal-a ao escriptorio [da empresa do gás].
- É a oitava vez que me diz isso...
- Mas...
- Qual más nem pera más! Quem não pode pagar o gaz não o usa!
- Não seja insolente! [...] E si continuar a dizer-me os seus deafôros verá o que lhe succede! O senhor não sabe com quem está falando!
 (“O Rio-Nú”, 23-01-1904)

Referências

AGOSTINHO “Sermão sobre o filho pródigo” Disponível em: <http://www.hottopos.com/mp5/agostinho2.htm>. Acesso em 27-05-2022.

LAUAND, L. J. **O xadrez na Idade Média**. São Paulo: Perspectiva-Edusp, 1988.

Recebido para publicação em 27-05-22; aceito em 26-06-22